

# Editorial

---

Para o lançamento do número anterior da *Reverso* encontrei este pequeno dito sobre o valor da escrita num texto intitulado *Escrita - O caminho da verdade – Um dicionário sobre a natureza humana*. Diz ele:

Escrever é pensar devagar..  
É poder ver o que se pensa.  
É poder pensar no que se pensa.  
É poder corrigir o que se pensa mal..  
É registrar a imaginação.  
É criar a partir do nada.<sup>1</sup>

Assim, desde tempos imemoriais, muito anteriores à era cristã, o homem já sentia a necessidade de registrar suas ideias, suas experiências, suas descobertas, seus hábitos e costumes. Com o homem nasceram os símbolos, grafados em qualquer superfície, para a tradução e a interpretação pelo outro.

A escrita, originária da linguagem, é uma criação do homem para o homem, registrando aquilo que não se pode perder e ao mesmo tempo comunicar, suplantando o tempo e com ele a memória. Com a escrita, o passado se presentifica, e dele o futuro pode se apropriar!

Disso se vale a pesquisa científica quando exige que seus achados de pesquisa, suas conclusões e seus prognósticos sejam compartilhados e difundidos através da escrita.

Porém, os símbolos nada significam por si sós. Seu valor se revela no momento em que o autor escreve e no momento em que o leitor o lê, desde que comunguem a mesma língua! Se não houver tradução, não haverá compreensão! Disso já sabia o fundador da psicanálise quando nos apresentou um compêndio sobre a função da linguagem e sua representação no inconsciente, em seu livro sobre os *Chistes e sua relação com o inconsciente*, 1905!

O trabalho da psicanálise se assenta sobre a palavra. Em *avant-première*, cito uma passagem do artigo de Marco Antonio Coutinho Jorge:

Para a psicanálise, com efeito, todos os atos, gestos, mímicas e afetos mantêm alguma relação com o simbólico e nela trata-se precisamente de *dar a palavra* àquilo que até então só encontrava expressão através do sintoma. Antes de serem não verbais, estes são na verdade hiperverbais, mas, no entanto, apenas trazendo-os ao regime da palavra pode o sujeito realizar-se plenamente (JORGE, *Reverso* 73).

1. Postado no site <viaverita.blogs.sapo.pt/9161.html>. Escrita – O caminho da verdade – Um dicionário sobre a natureza humana - 13 out. 2007.

Ainda em 1926, em *A questão da análise leiga*, Freud nos alertou para o poder das palavras, que podemos estender também à palavra escrita. Mesmo sem uma nomeação exata, tentamos recobrir com palavras todas as nossas experiências, pela fala ou pela escrita. Se faladas podem ser escutadas, se escritas, podem ser lidas, e seus efeitos podem ir do mais elevado benefício ao mais aterrador tormento! E, para desespero dos humanos, não temos controle do caminho nem da penetração das palavras no campo do outro!

A exemplo do pai da psicanálise, o psicanalista também registra sua experiência entre a clínica e a teoria impulsionado pelo desejo, revelando na sua escrita os vestígios da pulsão!

Abrindo o número 73 da revista *Reverso*, temos o texto *Freud com Lacan: a psicanálise hoje*, de Marco Antonio Coutinho Jorge, nosso querido convidado! Seu artigo nos leva a um mergulho na história conceitual da psicanálise desde sua fundação até os dias atuais. Com a habilidade que lhe é própria, trabalha nesse percurso os momentos cruciais de mudança que a psicanálise imprimiu no pensamento científico sobre o homem e como “[...] hoje se apresenta como tributária da radical renovação produzida pela leitura da obra de S. Freud empreendida por J. Lacan” (JORGE, *Reverso* 73).

Na seção TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICAS temos o texto *Do amor imaginário ao amor simbólico – um percurso da transferência*, onde as autoras Ana Beatriz Novelli, Eliana Lazzarini, Daniela Chatelard e Márcia Maesso trabalham o amor transferencial desde a conceituação em Freud até os estudos de Lacan, que o enodou nos registros RSI, trazendo o “dom” como alternativa ao amor imaginário.

Através do contato do nosso colega Carlos Antônio Andrade Mello com o psicanalista francês Benoît Le Bouteiller, seguimos com o artigo *Luto e melancolia – variações com o texto de Freud*. O autor apresenta o giro operado por Lacan no conceito freudiano de melancolia, numa tentativa de especificar suas incidências na clínica diferencial e como uma possibilidade de apreensão do mal-estar na civilização.

Com Eliane Mussel da Silva temos o artigo *Pontuações sobre a psicose atual*, em que num estudo comparativo entre as psicoses extraordinárias e as psicoses atuais esclarece que nestas últimas o furo da significação fálica se mantém latente, permitindo de forma operativa a inserção do sujeito no Outro social.

No artigo *Dos sonhos diurnos a uma concepção fundamental de fantasia*, os autores Guilherme Henderson, Daniela Chatelard e Márcia Maesso trabalham a virada da noção de sonhos diurnos e os devaneios, para a elaboração do conceito de fantasia a partir da descoberta, por Freud, da questão das fantasias fundamentais.

*Das impressões mnêmicas freudianas às letras de Lacan: Realisso* é um texto em que o autor Thiago Silva Martins propõe um estudo minucioso sobre as impressões mnêmicas em Freud, em uma feliz comparação com as técnicas modernas de tatuagem elétrica. Avança até o conceito de letra em Lacan, dizendo que as “memórias” primitivas, pulsionais seriam responsáveis pela estruturação inicial do isso, criando neste artigo o neologismo “realisso”.

Em nossa última seção ARTE, CULTURA E PSICANÁLISE, temos *Desejo circular – a significação do desejo e do sonho na constituição do sujeito*, texto de Alvaro Oliveira, que baseado em um conto de J. L. Borges tenta uma articulação da constituição do sujeito a partir do desejo do Outro com os conceitos psicanalíticos de desejo e sonho.